

GRES ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA



Fundação: 28 de abril de
1929

Cores: verde e rosa

Símbolo: surdo e coroa

Bases: Morro da Mangueira

Presidente: Guanayra
Firmino

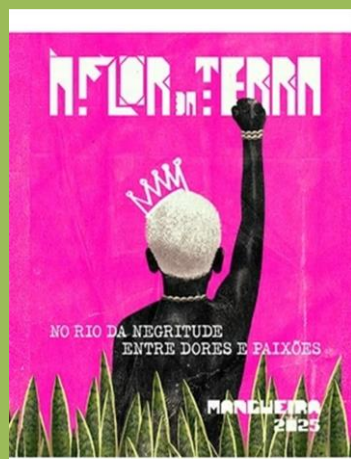
Presidente de honra: Hélio
Turco

Títulos: 20
(1932,33,34,40,49,50,54,
60,61,67,68,73,84,84-
Supercampeonato,
88,87,98,2002,16 e 19)

Colocação em 2024: 7º
lugar

Enredo 2025: À flor da
terra: no Rio da negritude
entre dores e paixões

Carnavalesco: Sidney França



Ainda buscando superar a perda de Leandro Vieira, com quem conquistou seus dois últimos títulos, em 2016 e 2019, a verde e rosa aposta no carnavalesco Sidney França, bastante conceituado em São Paulo, para conquistar o vigésimo-primeiro título e manter a tradição de ser a única agremiação campeã em todas as décadas desde o início dos desfiles, em 1932. Trata-se de uma aposta ousada, mas não custa lembrar que o próprio Leandro também a foi em 2015. Ademais, a Estação Primeira já demonstrou nos ensaios técnicos que pode voltar a incomodar.

Palpite: corre por fora

4ª ESCOLA
DE
DOMINGO

SAMBA ENREDO

Autores: Lequinho / Junior
Fionda / Gabriel Machado / Julio
Alves / Guilherme Sá / Paulinho
Bandolim

Sou Luanda e Benguela. A dor que se rebela, morte e vida no oceano. Resistência quilombola. Dos pretos novos de Angola. De Cabinda, suburbano. Tronco forte em ribanceira. Flor da terra de Mangueira. Revel do Santo Cristo que condena. Mistério das calungas ancestrais. Que o tempo revelou no cais. E fez do Rio minha África pequena. Ê malungo, que bate tambor de Congo. Faz macumba, dança jongo, ginga na capoeira. Ê malungo, o samba estancou teu sangue. De verde e rosa, renasce a nação de Zambi. Bate folha pra benzer, Pempelê, Kaiango. Guia meu camutuê, Mãe Preta ensinou. Bate folha pra benzer, Pempelê, Kaiango. Sob a cruz do seu altar, inquite incorporou. Forjado no arrepio. Da lei que me fez vadio. Liberto na senzala social. Malandro, arengueiro, marginal. Na gira, jogo de ronda e lundu. Onde a escola de vida é zungu. Fui risco iminente. O alvo que a bala insiste em achar. Lamento informar um sobrevivente. Meu som, por você criticado. Sempre censurado pela burguesia. Tomou a cidade de assalto. E hoje, no asfalto. A moda é ser cria. Quer imitar meu riscado. Descolorir o cabelo. Bater cabeça no meu terreiro. É de arerê, força de Matamba. É dela o trono onde reina o samba. É de arerê, força de Matamba. É dela o trono onde reina o samba